

ADOLESCÊNCIA, IMAGEM CORPORAL E SOCIALIZAÇÃO NA ESCOLA

Juliana Rocha Adelino Dias¹

Resumo

Este texto integra pesquisa que tem, como objetivo, identificar as representações sociais dos estudantes sobre ser adolescente, socialização e corpo. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, fundamentada na Teoria das Representações Sociais. Participaram desta investigação 66 meninas, com idades entre 15 e 17 anos, estudantes do ensino médio de uma escola pública de Santos/SP. Este trabalho traz os resultados colhidos com a aplicação da técnica de associação livre de palavras. Os resultados podem informar os atores escolares sobre como as jovens definem suas relações sociais e que critérios são utilizados na configuração dessas relações. Acredita-se que o acesso às representações de corpo pode ampliar os conhecimentos sobre o seu papel e importância nas relações sociais nessa fase da vida, especialmente no ambiente escolar.

Palavras-chave: estudantes; adolescência; representações sociais; imagem corporal.

Adolescence, body image and socialization at school

Abstract

This text includes a survey that has the objective of identifying students' social representations about being a teenager, socialization and body image. This is a qualitative survey based on the Theory of Social Representations. The sample consisted of 66 girls with ages between 15 and 17, attending a public high school in Santos, state of São Paulo. This study presents the results gathered through the free word association technique. The results can inform the school representatives about how teenagers defined their social relationships and what criteria are used in the configuration of such relationships. It is believed that access to body representations can expand knowledge about their role and importance in social relations during this phase of teenager life, especially in the school environment.

Keywords: *Students; Adolescence; Social Representations; Body Image*

Introdução

A adolescência é um período acompanhado por numerosas transformações físicas e emocionais (COSLIN, 2009; SALLES, 1998; PAPALIA e OLDS, 2000). Este é, reconhecidamente, um momento em que o jovem se prepara para o ingresso na vida adulta (MARTINS et al., 2003) e a escola é uma instituição que, através dos

¹ Graduada em Educação Física pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2005), possui especialização em Desenvolvimento Infantil pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2008). Mes-tranda no Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Educação da Universidade Católica de Santos, onde desenvolve pesquisa sobre representações sociais de estudantes sobre ser adolescentes.

tempos, consolidou-se como um importante ambiente onde essa preparação ocorre (CAMARANO, 2004). A LDBEN 9.394/96 (BRASIL, 1996), em seu artigo 35, confirma esse processo de preparação, ao ressaltar que um dos objetivos do ensino médio é formar o aluno para o trabalho e para a cidadania. Vemos essa preocupação expressa nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2000), que apontam para a necessidade do currículo escolar de nível médio abordar aspectos que proporcionem aos alunos competências que estimulem a capacidade para a vida em sociedade.

Um aspecto importante para a vida em sociedade é a aparência corporal, uma vez que ela tem sido um elemento amplamente valorizado nas sociedades, principalmente nos momentos de apresentação social (NOVAES, 2010). Portanto, assim como para os adultos, o corpo assume para os adolescentes um importante papel nos relacionamentos com os colegas, na formação de grupos sociais e na construção de suas identidades (COSLIN, 2009).

Diante do exposto, verifica-se a importância do corpo e da socialização para os adolescentes. Entretanto, observa-se na escola a ênfase atribuída ao ensino de conteúdos e a pouca atenção dada aos aspectos sociais e corporais no contexto escolar nessa fase da vida, o que pode ser um problema para alguns jovens, uma vez que esta é uma fase de grandes transformações corporais e de contatos sociais.

A pesquisa teve, como objetivo central, identificar as representações sociais das estudantes sobre a adolescência, sobre a socialização e sobre o papel do corpo na socialização. Para compreender as formas de relacionamento existentes que fazem parte da cultura escolar do adolescente. O estudo justifica-se por considerar importante que essa fase seja conhecida com maior profundidade por todos os atores escolares. Uma das formas de se alcançar tais objetivos é investigar o que as jovens adolescentes entendem por adolescência, socialização e corpo, e como percebem as diferentes formas de interação social na escola. Pois, acredita-se que conhecer melhor esses assuntos viabilizará reflexões e tomadas de decisões sobre este tema.

Este texto apresenta parte de pesquisa realizada a respeito do problema enunciado e encontra-se dividido em três partes. A primeira contextualiza a temática, abordando noções e pesquisas a respeito de adolescência, corpo e imagem corporal. A segunda discorre brevemente sobre representações sociais, referencial que fundamenta o trabalho realizado e a terceira analisa os dados colhidos junto a 66 alunas do ensino médio. O texto é concluído com considerações acerca dos resultados obtidos.

1. Contextualizando a temática

De acordo com Papalia e Olds (2000), embora o ser humano viva em constante processo de desenvolvimento, que vai desde a sua concepção até a sua morte, é notável que, no período da adolescência, as transformações de ordem biológica, social, cognitiva e emocional tendem a ser ainda mais intensas. Lima e Freitas (2010) relatam que, juntamente com essas transformações, observa-se também uma crescente preocupação dos jovens com o enquadramento aos valores próprios do mundo adulto e que este esforço de enquadramento nem sempre se dá de forma harmônica, podendo mesmo gerar conflitos, desvios e separações. Portanto, observa-se que a adolescência é um período bastante complexo, e de muitas transformações. Nesta fase é observado que um "(...) impulso instintivo, aproxima a criança do homem ou da mulher no plano físico" (COSLIN, 2009, p. 20). No entanto, estes não

são vistos como crianças, mas também não possuem *status* de adulto. Nesta fase da vida, alguns autores abordam e descrevem uma típica crise (ABERASTURY e KNOBEL, 2000; ERICKSSON, 1971; COSLIN, 2009). Coslin (2009) aprofunda ainda mais este tópico ao declarar, por exemplo, que a crise ocorre, pois acontece um desequilíbrio cultural na vida do jovem, em que a harmonia alcançada passa a ser questionada em função dos processos maturacionais em curso. Tubert (1999) descreve essa fase como um período de revolução que acontece entre dois momentos de relativa solidez para o ser humano, a infância e a vida adulta.

Outra característica da adolescência é observada por Salles (1999), ao afirmar que os adolescentes sentem a necessidade de estarem em grupo, e que essa forma de convívio social está provavelmente relacionada com o sentimento de medo e de insegurança ocasionados por essas intensas transformações e pelas pressões originadas pelo ingresso na vida adulta. Segundo Pereira (2005), as amizades entre adolescentes são especiais, importantes e carregadas de sentimentos e emoções. Para as meninas, as amizades tendem a ser ainda mais profundas, uma vez que elas apresentam uma dependência da amiga ou do grupo, no sentido de oferecer apoio e encorajamento emocional. Em virtude do prestígio atribuído ao grupo de amigos nesta fase da vida, observa-se que a aceitação social torna-se possivelmente um problema para um grande número de adolescentes. Pois, segundo o autor, na adolescência seu próprio valor é determinado de acordo com a reação dos outros. Esta inclusão no grupo é, portanto, dependente de um julgamento favorável e da aceitação dos amigos.

Coslin (2009) associa a aparência com o pertencimento social. Fazer parte de um grupo onde é possível identificar semelhanças no comportamento, roupas ou atitudes facilita uma estabilidade e proporciona um sentimento de pertença, o que é essencial neste período. O autor também afirma que, como para os adultos, o corpo assume para os adolescentes um importante papel nos relacionamentos com os colegas, na formação de grupos sociais e na construção de suas identidades.

Compreende-se que o corpo é algo que vai além do orgânico, do fisiológico, do anatômico. Ele é social, político e recorrente à cultura do tempo e do espaço onde está inserido. Ele é a forma como se apresenta e como é idealizado, conforme expresso por Goellner:

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem (GOELLNER, 2007, p. 29).

Portanto, o corpo é a impressão do meio ao qual o indivíduo está inserido. Ele é cultural e repleto de sentidos. Ele reflete, por meio dos comportamentos, acessórios e vestimenta, o seu modo de ser, os costumes de um grupo ou de uma determinada população. Ele é envolvido de “signos sociais” e delineado de acordo com a “projeção do social” (MEDINA, 1990, p. 66). Pois, nele “(...) estão inseridas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser

ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca” (DAOLIO, 1995, p. 39). O autor aprofunda esse entendimento ao declarar que:

O homem, por meio do corpo, vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais, num processo de incorporação (a palavra é significativa). Diz-se correntemente que um indivíduo incorpora algum novo comportamento ao conjunto de seus atos, ou uma nova palavra ao seu vocabulário ou, ainda, um novo conhecimento ao seu repertório cognitivo. Mais do que um aprendizado intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões (DAOLIO, 1995, p. 39-40).

Assim, o corpo é um espelho da sociedade. Por meio dele é possível visualizar o meio do qual ele faz parte (LE BRETON, 2007). Daolio (1995, p. 39), corrobora com essa ideia ao afirmar que o corpo “(...) como qualquer outra realidade do mundo, é socialmente concebido e a análise de sua representação social oferece uma via de acesso à estrutura de uma sociedade”. Betti (2004), também ressalta a importância deste nas relações sociais. Entretanto, o autor apresenta o corpo como expressão da natureza e da individualidade, ou seja, tudo que é próprio das experiências de vida de cada indivíduo.

Como já mencionado, o corpo é uma construção cultural e, como tal, é produzido, reproduzido e reorganizado segundo as normas e a cultura da sociedade à qual ele pertence. Nesse sentido, Le Breton (2007) afirma que a relação do homem com o corpo muda substancialmente entre as sociedades. Goellner (2007) aponta ainda que as representações produzidas de corpo não são aplicáveis a todos, nem mesmo são determinadas solidamente. São sempre temporárias, efêmeras, inconstantes e variam conforme o lugar/tempo onde este corpo circula, vive, se expressa, se produz e é produzido”. Figueira (2007, p. 133) aponta também para o caráter transitório do corpo, ao afirmar que ele é marcado pela “(...) provisoriamente e as infinitas possibilidades de modificá-lo, aperfeiçoá-lo, significá-lo e resignificá-lo”. A autora também atribui a esta mudança, fatores como raça, gênero, geração, classe social e sexualidade.

Para se compreender o papel do corpo nos relacionamentos sociais, recorre-se ao conceito de imagem corporal. Essa imagem seria, para Conti, Bertolini e Peres (2010, p. 241) um “(...) construto complexo e multifacetário que envolve, no mínimo, aspectos perceptuais, afetivos, cognitivos e comportamentais das experiências corporais”. Campagna e Souza (2006) complementam o pensamento anterior, ao afirmar que a imagem corporal é uma construção mental do próprio corpo, o modo como ele é percebido pelo indivíduo e, segundo as autoras, configura-se através da relação com o outro e consigo mesmo. A imagem corporal para a adolescência é tão importante nesta fase que, muitas vezes, esta chega a equivocar-se com a representação que o jovem tem de si mesmo (COSLIN, 2009).

Para as adolescentes, a aparência é demasiadamente relevante e totalmente associada à imagem corporal (CAMPAGNA, 2005). Como aponta Novaes (2010), a aparência corporal tem sido um aspecto valorizado nas sociedades, principalmente nos momentos de apresentação social. Ao retomar a mitologia Grega, Novaes (2010), lembra que a busca por uma forma física ideal tem sido uma preocupação ao longo da história da humanidade. O corpo torna-se, então, um importante instrumento usado nas apresentações pessoais e tem para as jovens um valor todo especial, uma vez que a passagem para a vida adulta implica também grandes transformações corporais. Para Le Breton (2007), a imagem corporal envolve os modos de

se vestir, de arrumar os cabelos, de cuidar do corpo. Para as adolescentes, esses aspectos nos quais a aparência está mergulhada, são fortemente influenciados e difundidos pela mídia, conforme a citação seguinte:

[...] o corpo encontra na mídia um espaço onde representações a seu respeito são amplamente construídas e reproduzidas. Anúncios publicitários, textos jornalísticos, fotos e ilustrações na televisão, na internet e na mídia impressa veiculam discursos, vozes sobre o corpo e sobre como ele é visto, desejado, vendido. Na mídia impressa, as capas de revistas são síntese de representações, de imaginários, explorando largamente o corpo feminino (SIQUEIRA e FARIA, 2007, p. 172).

Figueira (2007), em pesquisa realizada sobre a revista *Capricho*, verificou como valores e ideias sobre o corpo são difundidos pela mídia. Na revista, encontram-se impressas recomendações que mostram os caminhos e atitudes a serem adotados pelas jovens. Portanto, observa-se que a revista exerce a função de manual para tornar a adolescente mais bonita, atraente e moderna.

O corpo idealizado e propagado pela mídia faz referência, sobretudo, à beleza e à saúde (GOLDENBERG, 2007), podendo a beleza ser entendida, como uma qualidade atribuída a um corpo por um indivíduo ou sociedade. No entanto, a mídia e a sociedade têm estereotipado a beleza, tornando-a, para muitos, um ideal inatingível, como observa o autor a seguir:

Os imperativos da beleza, da juventude e da longevidade, sobretudo nos espaços dos diferentes meios de comunicação, perseguem-nos quase como instrumentos de tortura: corpos de tantos outros e outros são oferecidos como modelo para que operemos sobre o nosso próprio corpo, para que o transformemos, para que atinjamos (ou que pelo menos desejemos muito) um modo determinado de sermos belos e belas, magros, atletas, saudáveis, eternos (FISCHER, 2002, p. 160).

Alguns atributos físicos femininos são constantemente elucidados nos meios de comunicação como os “ideais”, como apontam Frois et al. (2011), ao destacarem a importância desses meios na propagação de imagens e valores idealizados de beleza feminina. Como é possível observar, a propagação do ideal de beleza amplamente divulgado pela mídia possui uma relação estreita com a estética. Os atributos físicos tornam-se elementos essenciais na composição do “belo”. Portanto, cabe ressaltar que a “(...) beleza e a saúde são apresentadas como sinônimos” (FIGUEIRA, 2007, p. 132). Goldenberg (2007) ilustra bem a relação estabelecida entre beleza e saúde, ao fazer referência ao corpo “sarado”. Para a autora, o “sarado” é entendido como aquele que “está curado”, sendo este o modelo de corpo saudável e cultuado por uma parcela significativa da sociedade. Entre as adolescentes, a idealização de corpo ideal acontece ainda de forma mais intensa, uma vez que estas associam a aparência corporal ao sucesso social (COSLIN, 2009).

2. A Teoria da Representação Social e a Pesquisa

A pesquisa encontrou na Teoria das Representações Sociais, idealizada por Serge Moscovici, o seu referencial teórico e metodológico. Segundo esta teoria, as opiniões que os indivíduos possuem sobre um determinado tema são resultantes

das suas interações com os outros elementos de seu grupo social. Essas opiniões tornam-se conhecimentos de senso comum que têm como função manter os membros do grupo em interação. As representações também guiam as atitudes e os julgamentos a serem feitos acerca do objeto em discussão. Moscovici (2010) afirma que as representações sociais tornam mais fáceis a comunicação entre os membros que compõem um grupo, pois elas os orientam em um mesmo direcionamento, por meio de um modelo simbólico de imagens e valores comuns. Elas possuem, portanto, um efeito aglutinador e homogeneizante, no que diz respeito às ideias e opiniões acerca de um determinado assunto.

As representações que as jovens adolescentes possuem sobre adolescência, corpo e socialização, por exemplo, representam o senso comum compartilhado por elas sobre esses assuntos. É importante ressaltar que as representações acabam por guiar as escolhas, as atitudes e as formas de comportamento perante os elementos dos grupos de forma a permanecerem como integrantes ou para tornarem-se candidatas a novas afiliações grupais. Investigar as representações de adolescência, corpo e socialização na escola possibilita compreender o comportamento social dos jovens e a importância atribuída aos laços afetivos nesta fase da vida. Investigar as representações de corpo permite compreender a importância atribuída à imagem corporal na construção das identidades, na autoestima das adolescentes e nas interações sociais.

O estudo das representações sociais de corpo pode contribuir para o entendimento de como se articulam os processos de formação de grupos e as imagens de corpo que fazem parte dessa formação. Ela pode desvelar que fatores externos à escola influenciam na construção das imagens corporais e os valores atribuídos ao corpo, como aponta Frois et al. (2011), ao afirmar que grande parte desses valores são propagados pela mídia.

Neste trabalho apresentamos dados preliminares da pesquisa desenvolvida com um grupo composto por 66 adolescentes do sexo feminino, regularmente matriculadas no primeiro, segundo e terceiro ano do ensino médio de uma Escola Estadual da cidade de Santos/SP. Foram investigadas alunas dos turnos matutino, vespertino e noturno que tivessem entre 15 e 17 anos de idade.

O instrumento de coleta de dados utilizado foi a Associação Livre de Palavras (ALP). Neste instrumento, os sujeitos foram solicitados a evocar as primeiras quatro palavras que lhes viessem à mente após ouvirem os seguintes termos indutores: “adolescente”; e “corpo” e “ter amigos”. O teste de associação livre de palavras permite evidenciar as representações existentes sobre os temas indutores. Com a ALP é possível identificar os elementos que compõem as representações e como eles se relacionam. Este instrumento também indica as ancoragens das representações, se nas tradições ou nas situações atuais de vida dos sujeitos. As respostas obtidas com este instrumento foram tratadas pelo software EVOC.

Com relação ao termo indutor “adolescente”, cinco palavras constituíram o primeiro quadrante. Foram elas: “diversão”; “estudo”; “juventude”; “rebelde”; “responsabilidade”. As palavras que constituem este quadrante, possivelmente, contêm o núcleo central da representação social sobre ser adolescente, na visão dessas adolescentes investigadas. Ou seja, essas palavras podem representar os elementos que atuam na formação da memória coletiva destes sujeitos. Este núcleo central mostrou-se, provavelmente, constituído por duas ideias principais. Uma primeira relacionada à imagem amplamente divulgada através dos tempos sobre as características de transgressão e intensidade com a qual gozam a vida, típicas qualidades do “ser adolescente”, podem ser representadas pelos vocábulos “diversão”, “juventude”, “rebelde”. A segunda ideia representada pelas palavras “estudo” e “responsa-

bilidade” relacionam-se possivelmente à necessidade que é atribuída aos indivíduos nesta fase da vida, na qual se faz necessário preparar-se para a vida adulta. Os vocábulos citados neste parágrafo podem ser visualizados na Tabela abaixo.

Tabela 01: Termo Indutor – “Adolescente”.

		Principal Ordem de Evocação			
		<2,5		>2,5	
>_ 7	Diversão	32-2,063	Alegria	8-2,750	
	Estudo	10-2,300	Amizade	28-3,036	
	Juventude	9-2,333	Balada	13-2,769	
	Rebelde	13-1,385			
	Responsabilidade	16-2,375			
<_ 4	Amor	5-2,000	Atitude	4-3,250	
	Complicado	4-1,000	Descoberta	5-3,000	
	Confusão	6-1,500	Liberdade	4-2,750	
	Personalidade	4-2,000	Loucura	4-2,750	
	Trabalho	4-2,250	Maturidade	4-3,000	
			Namoro	5-2,600	
			Saudável	5-3,000	
			Sorriso	4-2,500	

Fonte: Dados coletados pela pesquisadora e analisados pelo *software* EVOC.

O segundo quadrante da Tabela 01 possui as palavras “alegria”, “amizade”, e “balada”. Estes vocábulos, provavelmente, reforçam o pensamento contido no quadrante referente ao núcleo central da representação social do “adolescente”. Pois estas reforçam o núcleo central no que concerne à imagem do adolescente como um indivíduo que vive intensamente e curte a vida.

No terceiro quadrante, observa-se que as palavras evocadas fazem referência aos sentimentos e preocupações que marcam fortemente esta fase da vida. Isso pode ser constatado ao observamos as palavras que fazem parte deste quadrante “amor”; “complicado”; “confusão”; “personalidade”; “trabalho”. No quarto e último quadrante, é possível visualizar as palavras que foram menos e, por último, evocadas. Com o termo indutor “adolescente”, as evocações que compuseram este último quadrante foram: “atitude”; “descoberta”; “liberdade”; “loucura”; “maturidade”; “namoro”; “saudável”; “sorriso”. Essas evocações supostamente possuem relação com o presente desses sujeitos, com suas vidas cotidianas.

Portanto, pode-se inferir que, em relação ao primeiro termo indutor, os sujeitos da pesquisa associam a adolescência a um momento de crise, mas também a um momento de responsabilidade. Sabe-se que o núcleo central está associado à memória social compartilhada por este grupo e esta mostra-se ancorada em atribuições antigas que caracterizam o que é ser adolescente, na qual a descrição mostra um período marcado por complicações e mudanças, como apontam os autores Aberastury e Knobel (2000) e Coslin (2009). Mas, também no núcleo central desta representação, pode ser vista uma outra característica própria desta fase que a acompanha desde sua origem etimológica, pois como afirma Outeiral (2008) “adolescer” significa “crescer para”, desenvolver-se, preparar-se para a vida adulta. Embora o núcleo periférico desta representação tenha sido constituído por muitas palavras, observa-se que estas reforçaram núcleo central da representação.

A Tabela 02 traz os resultados do processamento dos dados via *software* Evoc para o termo indutor “corpo e ter amigos”.

Tabela 02: Termo Indutor – “corpo e ter amigos”.

		Principal Ordem de Evocação			
		< 2,5		> 2,5	
>_ 7	Bonito	20-1,800	Aceito	7-3,000	
	Estilo	17-2,471	Diversão	7-2,571	
	Felicidade	9-1,667	Sentimento	10-3,000	
	Legal	7-2,429	Simpatia	7-3,571	
	Padrão	8-2,125			
	Respeito	7-2,429			
<_ 5	Amizade	5-2,200	Companheirismo	5-3,200	
	Aparência	6-2,000	Depressão	5-3,400	
	Falsidade	5-2,400	Higiene	6-2,833	
	Zueira	5-1,600	Peso	5-2,600	
			Pré-conceito	6-2,500	
			Sorrir	5-2,600	

Fonte: Dados coletados pela pesquisadora e analisados pelo software EVOC.

Ao visualizar o quadrante superior esquerdo da Tabela 02, percebe-se a possível influência da mídia no que tange à divulgação de padrões corporais como fonte de sucesso pessoal e felicidade, conforme mostram as palavras evocadas: “bonito”; “estilo”; “felicidade”; “legal”; “padrão”. Siqueira e Farias (2007) ressaltam que a mídia é um espaço no qual são constituídas representações de corpo, e este corpo idealizado pelos veículos de comunicação fazem referência, sobretudo, à beleza e à saúde (FIGUEIRA, 2007). Entretanto, destaca-se também no núcleo central a presença do vocábulo “respeito”.

O segundo e terceiro quadrantes convergem para a ideia existente do que, provavelmente, seria o núcleo da representação social, a qual identifica o corpo e sua relação em ter amigos como algo que sofre influência das idealizações expostas pela mídia. No entanto, o último quadrante mostra que essa referência de corpo apresentada pelos meios de comunicação traz para estas jovens uma provável insatisfação corporal, como sugerido nos vocábulos a seguir: “depressão”; “higiene”; “pré-conceito”. Fischer (2002) afirma que foi criado pela a mídia e a sociedade um estereótipo de corpo praticamente inatingível, o que acaba possivelmente contribuindo para esta visão negativa de corpo. Também surgiram as evocações: “companheirismo”; “sorrir” no quarto quadrante.

Considerações

A escola é um importante lugar onde os adolescentes exercitam diferentes formas de socialização. Os resultados preliminares deste estudo procuraram mostrar como estes sujeitos compartilham imagens e valores sobre o que é ser adolescente, corpo e socialização. A representação social de adolescência mostrou-se ancorada nas tradições históricas, que apontam a adolescência como uma fase de turbulência e de preparação para a vida adulta. Em relação ao segundo termo indutor, pode-se perceber a influência de fatores externos, como por exemplo, a mídia a interferir nas relações de amizade estabelecidas na escola. Ou seja, os sujeitos da pesquisa mostraram que partilham as mesmas representações de “corpo e ter amigos”. Estas provavelmente influenciadas pela mídia, que explora a ideia de que, para ser feliz e bem sucedido nas relações sociais, é necessário possuir um padrão de corpo.

O resultado do presente estudo pode contribuir para que professores e outros atores escolares tenham uma melhor compreensão desta fase da vida, pois os

dados coletados refletem as necessidades e expectativas dessas jovens com relação à adolescência e a temas que integram este período da vida, referentes aos aspectos corporais e às relações de amizade estabelecidas em âmbito escolar. Por fim, percebe-se que essa temática de corpo e socialização na adolescência merece um olhar mais profundo e atento, sobretudo considerando o que os adolescentes pensam sobre essas questões. Assim, gestores escolares, juntamente com professores, podem delinear suas práticas pautando suas iniciativas, de maneira a contemplar reflexões sobre o tema.

Referências

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- BETTI, M. Corpo, cultura, mídias e educação física: novas relações no mundo contemporâneo. *Revista Digital*, Buenos Aires, v. 10, n. 79, Dic. 2004. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd79/corpo.htm>>. Acesso em: 18 mar. 2011.
- BRASIL. *Lei n. 9394, de 20 de Dezembro de 1996*. Estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 de Dezembro de 1996.
- BRASIL. MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio (Bases Legais)*. Brasília: MEC/SEF, 2000.
- BRASIL. MEC. *Lei Nº 5.692, de 11 de Agosto de 1971*- Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. DF, Brasília, 1971.
- CAMARANO, A. A. *et al.* Caminhos para a Vida Adulta: As Múltiplas Trajetórias dos Jovens Brasileiros. *Ultima década*. Santiago, v. 12, n. 21, p. 1-29, Dic. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S07182236200400200002&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 21 jan. 2012.
- CAMPAGNA, V. N. *A identidade feminina no início da adolescência*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- CAMPAGNA, V. N.; SOUZA, A. S. L. Corpo e imagem corporal no início da adolescência feminina. *Boletim de psicologia*, São Paulo, v. 56, n. 124, p. 9-35, Jun. 2006. Disponível em: <http://pepsic.homolog.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000659432006000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 mar. 2011.
- CONTI, M. A.; BERTOLIN, M. N. T.; PERES, S. V. A mídia e o corpo: o que o jovem tem a dizer? *Ciênc. saúde coletiva*. Rio de Janeiro, 2010, v.15, n.4, p. 2095-2103, Jul. 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232010000400023>>. Acesso em: 25 set. 2011.
- COSLIN, P. G. *Psicologia do Adolescente*. São Paulo: Jean Piaget, 2009.
- DAOLIO, J. *Da cultura do corpo*. Campinas: Papyrus, 1995.
- ERIKSON, E. *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
- FIGUEIRA, M. L. M. A revista capricho e a produção de corpos adolescentes femininos. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 124-135.
- FISCHER, R. M. B. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, Jan./Jun. 2002.

- FROIS, E.; MOREIRA, J.; STENGEL, M. *Mídias e a imagem corporal na adolescência: o corpo em discussão. Psicologia em estudo*. Maringá, v.16, n.1, Mar. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722011000100009&lng=en&nrm=iso> . Acesso em: 15 jul. 2011.
- GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 28-40.
- GOLDENBERG, M. et all. *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- LE BRETON, D. *A sociologia do corpo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- LIMA, D. M.; FREITAS, M. L. Q. As Juventudes Na Educação de Jovens e Adultos: A Ótica Dos Próprios Jovens. In: *Anais do IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade*. Laranjeiras, SE. UFS. 2010.
- MARTINS, P.; et all. O Ter e o Ser: Representações Sociais da Adolescência entre Adolescentes de Inserção Urbana e Rural. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. [S.l.], n. 16, v. 3, p. 555-568. 2003.
- MEDINA, J. P. S. *O Brasileiro e seu corpo: educação e política do corpo*. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1990.
- MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- NOVAES, J. V. *Com que corpo eu vou? Sociabilidade e uso do corpo nas mulheres das camadas altas e populares*. Rio de Janeiro: PUCRJ: 2010.
- OUTEIRAL, J. *Adolescer*. 3. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2008.
- PAPALIA, D. E.; & OLDS, S. W. *Desenvolvimento humano*. 7. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- PEREIRA, A. C. A. *O adolescente em Desenvolvimento*. São Paulo: Harbra, 2005.
- SALLES, L. M. F. *Adolescência, Escola e Cotidiano: Contradições entre o genérico e o particular*. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1998.
- SIQUEIRA, D. C.O.; FARIA, A. A. Corpo, saúde e beleza: representações sociais nas revistas. *Comunicação, mídia e consumo*, São Paulo. v. 9, n.4, p. 171 – 188. mar. 2007. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comunicacaoomidiaeconsumo/article/view/5032/4656>. Acesso em 30 mar.2012.
- TUBERT, S. *A morte e o imaginário na adolescência*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.